

DO MITO AO LÓGOS

Marcelo de Sousa Ferreira Alves¹

RESUMO: O presente artigo consiste em abordar o processo da passagem do mito ao *lógos*, através da transição da *aletheia arcaica* para *aletheia racional*. E para tanto, o artigo se dividi em três momentos principais, o primeiro intitulado *O poeta e a aletheia arcaica*; o segundo, *a palavra do guerreiro*; Terceiro, *o nascimento da filosofia como o nascimento aletheia racional*.

Palavras-chave: Mito; filosofia; racionalidade.

ABSTRACT: This article is to address the process of transition from myth to logos, through the transition from archaic to aletheia aletheia rational. And for both, the article is divided into three main stages, the first entitled The Poet and the archaic aletheia; the second, the word warrior; Third, the birth of philosophy as rational aletheia birth.

Keywords: Myth; philosophy; rationality.

INTRODUÇÃO

A passagem do pensamento mítico para o filosófico (isto é, para o *lógos*) se deu através do tratamento que recebeu o conceito de *Aletheia*, ou seja, o conceito de *verdade*. Antes da organização da filosofia em torno de um campo conceitual, norteadas por uma *aletheia* subjugada pelo *lógos* (isto é, pela razão ou discurso racional), ela, a *aletheia*, em seu nascimento, nada devia ao discurso racional, ao *lógos*. Privilégio de uma determinada classe, os poetas, a *aletheia arcaica*² enunciava “o que foi, o que é, o que será” através de um discurso fundamentado no acesso à divindade, que por sua vez tornava inteligível o mundo e dava sentido a existência.

A interpretação adotada neste artigo consiste em abordar o processo da passagem do mito ao *lógos*, através da transição da *aletheia arcaica* para *aletheia racional*. E para tanto, o artigo se dividi em três momentos principais, o primeiro intitulado *O poeta e a*

¹ Graduado e mestre em filosofia pela UFC. Atualmente professor substituto do IFCE. E-mail: filosofomarcelo@yahoo.com.br

² Toda vez que o termo *Aletheia arcaica* for citado aqui no texto significa que estar-se-á a falar do primeiro sentido de *Aletheia*, diferenciando da *Aletheia racional* que ganha outra significação com o surgimento da filosofia.

aletheia arcaica; o segundo, *a palavra do guerreiro*; Terceiro, *o nascimento da filosofia como o nascimento aletheia racional*.

1. O POETA E A ALETHEIA ARCAICA

Como bem percebeu Alain Lacroix em seu livro intitulado *A Razão*, a filosofia começa a tomar forma através da reelaboração de um material já existente em seu tempo, material esse constituído pela tradição mítica. Uma prova clara acerca disso é a própria noção de verdade, onde a filosofia se apropria e reelabora esse conceito tão caro ao mito. Antes da filosofia, como disse Maciel Júnior:

A verdade foi durante muito tempo privilégio de indivíduos excepcionais que eram tomados por possessões divinas, indivíduos que recebiam deuses, que eram possuídos por delírios divinos, e que ficaram conhecidos na História como Mestres da Verdade. O poeta, o profeta e o vidente são personagens históricos que testemunham a existência dessa verdade divina. O poeta, inspirado pela deusa Mnemósyne (Memória), o profeta, pelo deus Apolo, e o vidente, por Dionísio, proferiam, respectivamente, verdades de acontecimentos passados, futuros e presentes. O desvelamento dessas verdades se fazia na forma de narrativas míticas, sendo o mito o fundamento da *aletheia* (JÚNIOR, 2007, p. 28).

Os poetas, destaque para Homero³ e Hesíodo⁴ que são os mais citados, buscavam suas inspirações nas musas, que eram filhas de mnemosyne (a deusa da memória), procurando saber sobre o passado, sobre a origem, a causa das coisas como elas são. Se conheço o passado eu entendo o presente e que, por sua vez, me possibilita pensar no futuro. Na condição de representantes de divindades, os poetas eram portadores de uma palavra que não era comum aos gregos⁵, palavra essa que vem dos deuses, que traz consigo a *aletheia*, ou seja, a verdade. Desta forma os poetas tornam-se os educadores por excelência da Grécia antiga, já que obtinham o saber. É importante ressaltar que a palavra *aletheia* (verdade) neste período que antecedeu os primeiros filósofos, identifica-

³ Homero (850-750 a.C) foi o poeta mais conhecido. Temos dele suas duas mais importantes poesias: *Iliada* e *Odisseia*. A *Iliada* trata da guerra de Troia. Da cólera de Aquiles e canta os valores da guerra e dos guerreiros. A *Odisseia* conta o retorno de Ulisses para Ítaca. Ulisses era um herói aqueu que lutou na guerra de Tróia. A *Odisseia* narra as aventuras de Ulisses a caminho de casa. Um poema da paz, dos valores do *oikós* e da ética aristocrática.

⁴ Hesíodo (entre 750 e 650 a.C) foi o segundo maior poeta. Temos dele duas de suas mais importantes poedias: *Os trabalhos e os dias* e a *Teogonia*. *Os trabalhos e os dias* fala do trabalho como virtude do homem do campo. E a *Teogonia* fala do surgimento dos deuses.

⁵ Não era comum no sentido que só determinada classe tinha acesso à ela.

se com aquilo que era lembrado e a não-verdade ou “mentira” com o que caía em esquecimento. A própria palavra *aletheia*, em grego, é formada pela palavra *léthe* – que significa noite, escuridão, esquecimento -, acrescida da primeira letra do alfabeto grego, alfa, que possui um sentido privado. A-letheia, significa rigorosamente não-noite, não-escuridão, não-esquecimento, traduzindo-se, possivelmente, como memória. Sendo assim, memória e verdade (no período que antecede os primeiros filósofos) estão intimamente ligadas. É importante salientar que a função da memória neste período se diferencia radicalmente do poder humano de recordar. As palavras proferidas pelos poetas não são resultados de seu poder humano de ouvir e recordar. É como se as musas permitissem que o poeta assistisse “de verdade” aquilo que eles narravam.

(...) a memória divinizada dos gregos não atende absolutamente aos mesmos fins que a nossa; não visa de modo algum a reconstruir o passado segundo uma perspectiva temporal. A memória sacralizada é, em primeiro lugar, privilégios de alguns grupos organizados em confrarias: como tal, ela se diferencia radicalmente do poder de recordar-se, dos outros indivíduos. Nesse meio de poetas inspirados, a Memória é uma onisciência de caráter divinatório; tal como o saber mântico, define-se pela fórmula: “O que é, o que será, o que foi”. Com sua memória, o poeta tem acesso diretamente, numa visão pessoal, aos acontecimentos que evoca; tem o privilégio de entrar em contato com o outro mundo. Sua memória lhe permite “decifrar o invisível” (DETIENNE, 2013, p.15-16).

O mito não apenas se limita (ou se limitava) a um discurso cronológico, ou seja, um discurso que tem por finalidade a razão arcaica das coisas serem como são. Ele (o mito) também tinha um caráter ético-moral, era um discurso laudativo, ao mesmo tempo discurso que celebra feitos humanos e discurso que conta a história dos deuses. Em Homero e Hesíodo, por exemplo, aprende-se a trabalhar, a navegar, a guerrear, a viver, a religião, a economia, a política, a vida doméstica, a morrer e etc. através de exemplos de acontecimentos passados recordado pelos deuses na boca do poeta.

No âmbito do caráter prático o que era mais almejado pelo homem (aristocrata) grego era a virtude (areté). Em Homero a virtude, de alguma forma, definia o próprio homem. A força, a destreza e o heroísmo eram virtudes a serem buscadas e desenvolvidas pelos homens, pois, se alcançada, culminava na imortalidade do próprio herói. Mas...como assim imortalidade? Bem, transmitido pelos poetas o mito se identifica com a verdade (Aletheia), que por sua vez é divina, vinda dos deuses, uma verdade que está para além do homem. Mas só está para além do homem em certo sentido. O homem pode participar da verdade, na medida que ele é lembrado pelos deuses e recitado na boca do

poeta (recordemos que verdade e memória divina são a mesma coisa). Os homens viam nos cantares dos poetas o desejo de serem recordados pelos deuses, pois os poetas quando cantavam tiravam do esquecimento (*léthe* – que significa noite, escuridão, esquecimento) os homens cujo os feitos deviam ser imortalizados. Dois conceitos são importantes aqui: *Kléos* e *Kydos* que são dois aspectos da glória, do louvor:

Kydos é a glória que ilumina o vencedor; é uma espécie de graça divina instantânea. Os deuses a concedem a um e a negam a outro. *Kléos*, ao contrário, é a glória que se desenvolve de boca em boca, geração em geração. Enquanto *Kydos* vem dos deuses, *Kléos* sobe até eles. Em nenhum momento o guerreiro pode sentir-se como agente, fonte de seus atos: sua vitória é puro favor dos deuses, e a façanha, uma vez realizada, só ganha forma através do discurso de louvor (DETIENNE, 2013, p.21).

O canto de louvor do poeta associa-se à memória (*Aletheia*) enquanto o silêncio e a censura se associam ao esquecimento (*léthe*). Quando as musas anunciam a verdade aos poetas, anunciam ao mesmo tempo os esquecimentos das desgraças. Quando o poeta começa a cantar os homens esquecem as misérias, os sofrimentos e os temores da vida. Esse esquecimento levava os homens ao universo transcendente dos poetas.

Embora limitada à aristocracia (a Grécia no período homérico era aristocrata, a aristocracia considerava-se descendente dos deuses e conservava cuidadosamente sua genealogia como forma de garantir condições privilegiadas; riquezas, propriedades passaram também a serem vistas como fonte de poder), a força, a destreza e o heroísmo eram virtudes a serem buscadas e desenvolvidas (que já se tinha em “germe” no aristocrata).

Funcionário da realeza ou decantador da nobreza guerreira, o poeta é sempre um “Mestre da Verdade”. Sua “Verdade” é uma “Verdade” assertórica: ninguém a contesta, ninguém a demonstra. “Verdade” fundamentalmente diferente de nossa concepção tradicional, *Aletheia* não é a concordância entre proposição e seu objeto, tampouco a concordância de um juízo com outro juízo; não se opõe a “mentira”; não há “verdadeiro” em face do “falso”. A única oposição significativa é entre *Aletheia* e *Léthe*. Nesse nível de pensamento, se o poeta é realmente inspirado, se seu verbo se fundamenta num dom de vidência, seu discurso tende a identificar-se com a “Verdade” (DETIENNE, 2013, p.29).

Em suma, a aletheteia arcaica possui três características principais, como nos mostra Chauí:

(1) é uma palavra eficaz, isto é, uma acção, uma potência de realização, uma força realizadora que pode aumentar ou diminuir em poder e por isso é uma função socioreligiosa de soberania. Eis por que a palavra de louvor e a palavra de censura são tão importantes: quando o poeta ou o adivinho louvam alguém, este alguém não mais será esquecido, torna-se verdadeiro, isto é, imortal; ao contrário, quando há censura, o silêncio cai sobre este alguém e sobre seus feitos, e ele se torna esquecido, perde a verdade e verdadeiramente morre; (2) é uma palavra prática (e não teórica), isto é, falar é fazer. Ao ser proferida, a palavra verdadeira possui o poder de fazer vir a ser, de fazer acontecer o que é dito; (3) é uma palavra que se relaciona com três forças positivas: a justiça (díke), a confiança e fidelidade (pístis) e a doce ou suave persuasão (peithó) (CHAUI, 2014, P. 43).

2. A PALAVRA DO GUERREIRO

A *aletheia arcaica* desaparece com o surgimento da pólis, pois junto a seu surgimento, desaparece a figura do poeta. Havia, ao lado da palavra verdadeira, isto é, da *aletheia arcaica*, uma outra palavra, a palavra do guerreiro. Antes e depois de uma batalha os guerreiros se reuniam em assembleias onde discutiam estratégias de guerras. Essas assembleias proporcionavam ao guerreiro o direito de falar e emitir sua opinião (isegoría), dentro de uma igualdade perante seus semelhantes (isonomía). “Da assembleia dos guerreiros e da palavra-diálogo, pública e igualitária, nasce a pólis e é inventada a política” (CHAUI, 2014, P. 42). Chauí ainda acentua três importantes diferenças entre a palavra do guerreiro e a *aletheia arcaica*:

Em primeiro lugar, porque não é uma palavra solitária e unilateral, proferida por um Senhor da Verdade, mas é uma palavra compartilhada: é a palavra-diálogo. Em segundo, porque não é palavra de um grupo secreto de iniciados, mas uma palavra pública dita em público. Em terceiro, porque não é uma palavra religiosa, mas leiga e humana. Antes do combate, os guerreiros se reúnem num círculo, formam uma assembleia e cada um, indo ao centro, tem o direito de falar e de ser ouvido, propondo táticas e estratégias para combate. (CHAUI, 2014, P. 41).

A palavra do guerreiro expressava a *doxa*, isto é, a opinião, afastando-se daquele discurso mântico proferido pelo poeta. Há três sentidos básicos para *doxa*, o primeiro: tomar partido do mais adequado segundo a situação; o segundo: conformar-se a uma norma; terceiro: escolha e decisão.

3. O NASCIMENTO DA FILOSOFIA COMO NASCIMENTO DA ALETHEIA RACIONAL

A filosofia nasce ligada a esses dois discursos anteriormente citados, o discurso do poeta (*aletheia arcaica*) e do guerreiro (*doxa*).

No âmbito do mito, a filosofia nasce como uma laicização através da descoberta do lógos (razão ou discurso racional). Chauí, em seu livro *Introdução à História da Filosofia*, deixa claro o sentido de reelaboração do conteúdo mitológico no nascimento da filosofia:

A filosofia, retomando as questões postas pelo mito, é uma *explicação racional* da origem e da ordem do mundo. A filosofia nasce como racionalização e laicização da narrativa mítica, superando-a e deixando-a como passado poético e imaginário. A origem e a ordem do mundo são, doravante, naturais. Aquilo que, no mito, eram seres divinos (Urano, Gaia, Oceano) torna-se realidade concreta e natural: céu, terra, mar. Aquilo que, no mito, aparecia como geração divina do tempo primordial surge, na filosofia, como geração natural dos elementos naturais (CHAUÍ, 2014, p. 37).

Enquanto o mito propõe uma teogonia (teo: deus; gonia: origem ou nascimento; origem dos deuses) e uma cosmogonia (cosmo: mundo ordenado; gonia: origem ou nascimento; origem do mundo), o discurso filosófico fala de uma cosmologia (cosmo: mundo ordenado; logia: razão ou discurso racional; discurso racional sobre o mundo ordenado).

A filosofia, ao nascer como cosmogonia, procura ser a palavra racional, a explicação racional, a fundamentação pelo discurso e pelo pensamento da origem e ordem do mundo, isto é, do todo da realidade, do ser (CHAUÍ, 2014, p. 37)

No âmbito da *doxa*,

“(...) a filosofia irá diferenciar-se da palavra dos guerreiros e dos políticos porque possui uma pretensão específica, herdada dos poetas, do adivinho e do rei da justiça: não deseja apenas argumentar e persuadir, mas pretende proferir a verdade como aquilo que é o mesmo para todos, porque, em todos, o pensamento é idêntico, se for desinteressado.” (CHAUÍ, 2014, p. 44)

A filosofia nasce através da descoberta do lógos. O lógos agora passa a ser o critério do discurso verdadeiro, da *aletheia* ou da *doxa*. Todo discurso que não for racional (lógos) ou pautado na razão como fundamento, passa a não ser digno de crédito. Sendo assim, com a filosofia nasce um tipo de discurso que se propõe a dizer o verdadeiro seja no âmbito da natureza, seja no âmbito da polis.

São estes os traços gerais da atitude filosófica nascente⁶:

- Tendência à racionalidade: a razão é tomada como critério de verdade, acima das limitações da experiência imediata e da fantasia mítica. A razão ou o pensamento (lógos) vê o visível e compreende o invisível, que é o princípio imutável e verdadeiro;
- busca de respostas concludentes: colocado um problema, sua solução é sempre submetida à discussão à análise crítica, em vez de ser sumária e dogmaticamente aceita; o discurso (lógos) deve ser capaz de provar, demonstrar e garantir aquilo que é dito;
- acatamento às imposições de um pensamento organizado de acordo com certos princípios universais que precisam ser respeitados para que pensamentos (lógos) e discurso (lógos) sejam aceitos como verdadeiros; são princípios *lógicos*;
- ausência de explicação preestabelecidas e, portanto, exigência de investigação para responder aos problemas postos pela natureza;
- tendências a generalização, isto é, a oferecer explicações de alcance geral (e mesmo universal) percebendo, sob a variação e multiplicidade das coisas e fatos singulares, normas e regras ou leis gerais da realidade (lógos).

Sendo assim, o discurso filosófico nasce como *aletheia racional*, a verdade agora é subjugada ao lógos.

CONCLUSÃO

Meio a mitos e o doxas nasce a filosofia. Sua aletheia deixa de ser privilégio de homens especiais para estar ao alcance do homem comum. A aletheia passa a humanizar-se, a laicizar-se. O homem agora busca respostas não mais em deuses, mas sim nele mesmo. A razão, descoberta pela filosofia, foi fruto de um encontro histórico ocorrido entre indivíduos excepcionais (os poetas) e o meio político (os guerreiros) que já apresentavam o processo de racionalização da vida pública.

A razão surge trazendo semelhanças com as verdades religiosas dos discursos poéticos, proféticos e videntes que existiam na Grécia arcaica. Desta forma era uma “nova” verdade que surgia, surgia assim a aletheia racional. Não é de se espantar que os

⁶ CHAUI, 2014, P. 39-40.

primeiros filósofos foram confundidos com poetas, pois sua palavra trazia consigo o discurso verdadeiro.

BIBLIOGRAFIA

CHAUI, Marilena. *Introdução à História da Filosofia*. São Paulo: Editora Companhia das Letras. 2014

DETIENNE, Marcel. *Mestres da Verdade na Grécia Arcaica*. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2013

EYLER, Flávia Maria Schlee. *História Antiga Grécia e Roma*. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2014.

LACROIX, Alain. *A Razão*. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2009.